

GT 4 - CULTURAS E OUTRAS EXPRESSÕES

SALA 14 - Prédio 16B Centro de Educação

MEDIADORAS: Camila e Cynthia

O GT busca fomentar espaços para discussões sobre as diferentes manifestações de imaginários presentes em narrativas culturais. Pretende-se ainda investigar as relações entre imaginários culturais e outras expressões em contextos contemporâneos, considerando os impactos da globalização e das novas tecnologias, promovendo uma compreensão da diversidade cultural.

1.ALMA TERRA – Escola de Saberes Ancestrais
Raquel Andreia Bernardi Kurtz

2.AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL DO CENTRO DE EDUCAÇÃO: MARCAS CULTURAIS DE RESISTÊNCIA

Denise Ângela Wunder Della Flora; Daniele Rorato Sagrillo; Charlene do Nascimento Loreto

3.HISTORIANDO CANÇÕES: A ARTE É A RESISTÊNCIA QUE DESAFIA A OPRESSÃO, RESSOA E REINVENTA

Cynthia Gindri Haigert; Eduardo Miranda Feitoza

4.LER COM A INFÂNCIA: MEDIAÇÃO DE LEITURA, ESCUTA E IMAGINAÇÃO COMO FAZER ARTÍSTICO

André Teixeira

5.“NÓS QUE PASSAMOS APRESSADOS” COMO OLHAMOS PARA AS INFÂNCIAS?

Vitória Albert Sauzem; Dulce Mörschbacher

6.ONDE MORA A DIFERENÇA? IMAGINANDO VIVÊNCIAS LÚDICAS COM JOGOS DE INTERPRETAÇÃO DE PAPEIS

Rebeca Sasso Laureano

7.O RISO E A BRINCADEIRA NAS DISCIPLINAS DE JOGO TEATRAL

Lúcia de Fátima Royes Nunes

8.O TOQUE DA TELA E O AFETO DO VÍNCULO: VELHICE, REDES SOCIAIS, ACOLHIMENTO E PERTENCIMENTO

Giovane Gomes; Tatiana Valéria Trevisan; Valdo Hermes de Lima Barcelos

9.PRODUÇÃO ARTÍSTICA ENTRE ESPÉCIES

Giovana Narvaes Guedes

10.REFLEXÕES SOBRE A ARQUITETURA MEDIADORA E A FORMAÇÃO DOS SUJEITOS A PARTIR DE OBSERVAÇÕES NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO

Thaís Cristina Weber Port; Fernanda Luisa Simon Mostardeiro

11.UMA ALTERNATIVA LITERÁRIA EM POTENCIAL: TRANSGREDINDO REGRAS E CRIANDO POSSIBILIDADES POR MEIO DE OFICINAS DE ESCRITA CRIATIVA NA EDUCAÇÃO POPULAR

Vitória Carolini Ferraz Oliveira; Eduardo Brum de Lima

8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

ALMA TERRA –Escola de Saberes Ancestrais

Eixo: GT4 – Culturas e Outras Expressões

*Raquel Andreia Bernardi Kurtz
Universidade Federal de Santa Maria-
Programa de Pós-Graduação em Educação*

racabdk@gmail.com

Orientadora: Helenise Sangoi Antunes

O projeto Alma Terra – Escola de Saberes Ancestrais propõe uma imersão formativa em territórios simbólicos e reais da cultura gaúcha, a partir da história dos povos originários do Rio Grande do Sul, com a mediação do cavalo e da natureza como elementos integradores. Voltado a crianças, adolescentes e professores da rede pública de ensino em áreas vulnerabilizadas, o projeto promove oficinas de arte-educação e terapias, ativando a ludicidade como ponte para o resgate de saberes ancestrais. A proposta valoriza culturas ligadas essencialmente à terra — como indígenas e afrodescendentes —, nas quais o “eu” se entrelaça à coletividade e à natureza, com conhecimentos transmitidos pela oralidade e convivência. A ação é vinculada à Mather Desenvolvimento Humano Integrado, instituição parceira que incorpora abordagens como constelações sistêmicas, psicodrama, dança circular e terapia comunitária, ampliando o alcance da educação para os campos da saúde e do cuidado. Como ação cultural e de extensão, busca diálogo com atores sociais e viabilidade através de recursos públicos e privados, com o objetivo de fortalecer identidades, pertencimento e vínculos em comunidades periféricas. Como abrir espaços para escutar e viver saberes silenciados em nossos cotidianos educacionais?

Palavras-chave: ancestralidade, arte-educação, pertencimento



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL DO CENTRO DE EDUCAÇÃO: MARCAS CULTURAIS DE RESISTÊNCIA

Eixo: Culturas e Expressões artísticas

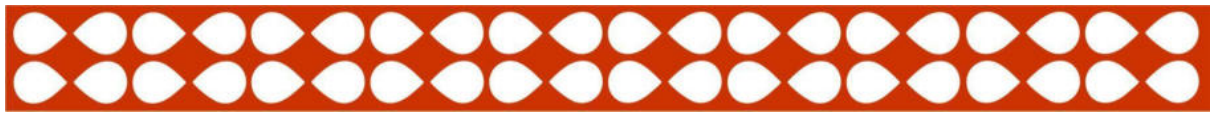
Denise Ângela Wunder Della Flora
Universidade Federal de Santa Maria, Comissão Setorial de Avaliação do Centro
de Educação(CAICE/CSA-CE)
denise.flora@acad.ufsm.br

Daniele Rorato Sagrillo
Universidade Federal de Santa Maria, Comissão Setorial de Avaliação do Centro
de Educação(CAICE/CSA-CE)
daniele.sagrillo@ufsm.br

Charlene do Nascimento Loreto
Universidade Federal de Santa Maria, Comissão Setorial de Avaliação do Centro
de Educação(CAICE/CSA-CE)
charlene.loreto@ufsm.br

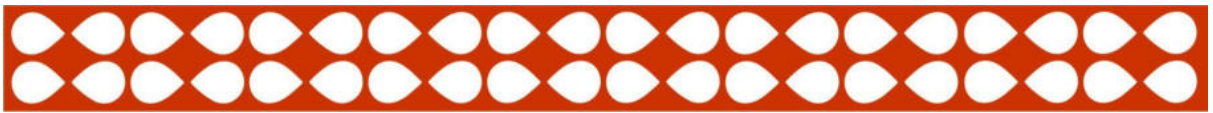
Orientadora: Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Comissão Setorial de Avaliação do Centro
de Educação(CAICE/CSA-CE)
tania.miorando@ufsm.br

A Avaliação e Autoavaliação Institucional, do Centro de Educação, da UFSM, é um movimento de qualificação processual da formação no contexto educacional. É coordenado pela Comissão de Avaliação Institucional do Centro de Educação/Comissão Setorial de Avaliação (CAICE/CSA-CE), segue os parâmetros do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES (Brasil, 2004) e está alinhada com o Plano de Desenvolvimento Institucional, da UFSM (UFSM, 2016), por vias da Comissão Própria de Avaliação (CPA). É considerada uma ferramenta importante que permite uma análise abrangente sobre a universidade através de instrumentos avaliativos que contemplam a realidade dos diferentes segmentos universitários. Objetivamos apresentar uma discussão sobre as narrativas em uma cultura de avaliação institucional, recolhidas a partir das questões abertas dos instrumentos, olhando para as marcas de resistência manifestas na avaliação. Metodologicamente, é qualitativo, de análise discursiva. Por resultados, temos uma avaliação semestral por disciplina, envolvendo a



perspectiva da autoavaliação docente e discente. Dentro dessas ações observamos sua reestruturação conforme eventos marcantes (pandemia, retorno à presencialidade), tentando considerar que somos atravessados subjetivamente pelos mesmos (uma avaliação não é apenas responder questões), posto que os nossos tempos foram ressignificados (tempos de tela e solicitações de questionários, multiplicaram-se). Há indicações de mudanças nos processos metodológicos de ensino e até mesmo a não participação/consideração da avaliação como um elemento importante para a melhoria da qualidade educacional. Resistimos em busca da autonomia a partir dos dados alcançados em uma avaliação, não nos detemos na questão regulatória (ranqueamentos das políticas neoliberais) e sim, emancipatória, visualizando um processo capaz de considerar as particularidades da comunidade acadêmica. Em cada reunião aberta e participativa sobre a devolutiva dos resultados da avaliação, com os diferentes segmentos do CE, novas perspectivas se impõe para repensarmos a cultura da avaliação.

Palavras-chave: Avaliação Institucional; Emancipação; Resistência.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

Historiando Canções: a arte é a resistência que desafia a opressão, ressoa e reinventa

Eixo: Cultura e outras expressões

Cynthia Gindri Haigert
IFFar/DINTER/UFSM Programa de Pós-Graduação em Educação
cynthia.haigert@iffarroupilha.edu.br

Eduardo Miranda Feitoza
IFFar, NAC
eduardo.miranda@iffarroupilha.edu.br

O presente resumo tem como fulcro central pensar o uso da arte - e particularmente da música - enquanto evidência histórica sobre o período da Ditadura Militar no Brasil. De modo que quando afirmamos a intenção de utilizar a arte como evidência histórica, tratamos de estender o sentido de objeto de reflexão aos usos da música enquanto expediente didático nas aulas de História. O que significa que perseguimos um duplo objetivo: pensar a música como objeto de investigação de professores/pesquisadores sobre o tema que nos mobiliza, assim como recurso didático capaz de transformar o prazer de ouvir música em uma ação intelectual para os estudantes - enquanto oportunidade de seu aprofundamento na História Brasileira no período que vai de 1964 a 1985. Assim, podemos dizer que para nós, brasileiros, a música popular tem sido uma tradutora privilegiada de nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias sociais. Neste sentido, é possível afirmar que a música se constitui como um excelente meio de reconstrução dos processos de formação das identidades. No caso da História do Brasil, ou mais especificamente de sua relação com o período da Ditadura Civil Militar, o escrutínio das canções de contestação, direta ou indireta, ao regime pode nos dar acesso a processos conscientes e inconscientes que contribuíram no processo de questionamento do regime, entre outros aspectos no que diz respeito a censura.

Palavras-chaves: História, Música, Censura



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

LER COM A INFÂNCIA: MEDIAÇÃO DE LEITURA, ESCUTA E IMAGINAÇÃO COMO FAZER ARTÍSTICO

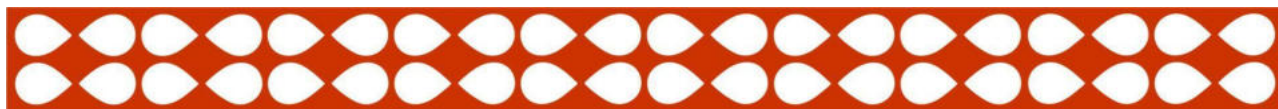
Eixo: GT 4 - Culturas e Expressões artísticas

André Teixeira

*Universidade Federal de Santa Maria, Pedagogia Licenciatura Plena Diurno
oandreteixeira10@gmail.com*

O que escutamos quando lemos com e para as crianças? Quais memórias se (re)ativam quando a palavra literária encontra o corpo sensível da infância? Esta comunicação pretende refletir sobre a mediação de leitura como prática estética, política e cultural, especialmente nos encontros com a infância. A partir da experiência em rodas de leitura em espaços escolares e comunitários, propõe-se pensar a leitura como um gesto de escuta, criação e significação, em que os imaginários infantis se entrelaçam às narrativas culturais que atravessam o cotidiano. Entendendo a leitura como uma forma de reinvenção de si e do mundo, busca-se compreender como o ato de mediar leituras literárias e o próprio ato de ler podem se configurar como uma expressão artística sensível, promotora de deslocamentos, pertencimentos e memórias. Ao lançar mão da palavra, do corpo, do silêncio e da escuta, a mediação se apresenta como prática de afeto e resistência pela arte. Assim, este trabalho convida à reflexão sobre o papel da literatura e da arte na formação de repertórios sensíveis na infância e na invenção de novos modos de narrar, sentir e ver o mundo.

Palavras-chave: Mediação de leitura; Infância; Leitura literária.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

“NÓS QUE PASSAMOS APRESSADOS” COMO OLHAMOS PARA AS INFÂNCIAS?¹

EIXO - GT4 - Culturas e Outras Expressões

Vitória Albert Sauzem

Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação

Vitoriasauzem@hotmail.com

Dulce Mörschbacher

Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação

dulce.morschbacher@acad.ufsm.br

Elisete Medianeira Tomazetti - MEN/UFSM

“Apagaram tudo, pintaram tudo de cinza. A palavra muro ficou coberta de tinta”. É a partir da composição de Marisa Monte e de Arnaldo Antunes que pensamos em contextualizar o cenário que compõe nossa provocação. A sociedade contemporânea é marcada por profundas transformações socioculturais, econômicas e tecnológicas que impactam os diferentes sujeitos, a organização social e a vida cotidiana em todos os seus domínios. Vivenciamos uma era onde prevalecem mudanças contínuas e velozes, avanços tecnológicos, postagens em tempo real e excessos. Essa era também caracteriza-se pela perda das referências que organizavam o nosso mundo e pelo sujeito do desempenho. Nesta configuração, não há espaço para tempo livre ou celebrativo, tampouco há a possibilidade de encontro, de contemplação e de descoberta. Nesse contexto, seja através da pesquisa, seja pelo estar na escola, ou ainda, por já termos sido crianças, voltamos o olhar para outro elemento: as infâncias. A infância como tempo social nem sempre existiu. Até a Idade Média as crianças eram consideradas como seres incompletos, adultos em miniatura, não havendo nenhum reconhecimento da sua especificidade. Apenas na Modernidade surge o sentimento de infância e as crianças passam a ser concebidas com particularidades e sentimentos próprios. Observamos, dessa forma, que o conceito de infância não é estável, antes disso, é situado em um tempo e espaço históricos, modificando-se conforme os contextos culturais e os modelos sociais vigentes. Diante disso, passamos a nos perguntar como o mundo contemporâneo, marcado pela tecnologia bem como pelas relações de produção e consumo, influencia na constituição de subjetividades e culturas infantis? Sem uma conclusão a respeito desta discussão, nos propomos a questionar e compartilhar algumas inquietações que nos movem. Esperamos que a nossa proposta seja uma oportunidade de diálogo e conhecimento a fim de explicitar os desafios do nosso tempo.

Palavras-chave: infâncias; contemporaneidade; subjetividade;

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

ONDE MORA A DIFERENÇA? IMAGINANDO VIVÊNCIAS LÚDICAS COM JOGOS DE INTERPRETAÇÃO DE PAPÉIS

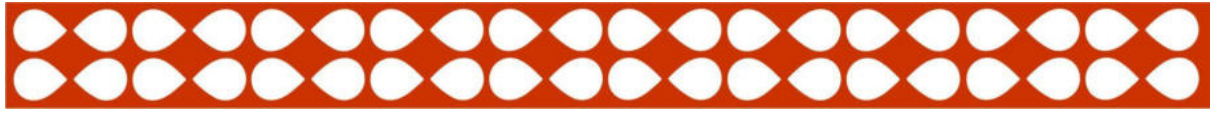
Eixo: GT 4 - Imaginários e Culturas

*Rebeca Sasso Laureano
Universidade Federal de Santa Maria, PPGE
rebeca.sasso@gmail.com*

*Orientadora
Tatiane Negrini
Universidade Federal de Santa Maria, PPGE
negrinitatiane@gmail.com*

Onde mora a diferença? Talvez a espreita do olhar, na fala atravessada, no silêncio inquieto. “Onde Mora a Diferença? Imaginando vivências lúdicas com jogos de interpretações de papéis” propõe o diálogo dos jogos de interpretação de papéis com as teorias dos autores Gregory Bateson e Humberto Maturana. O jogo de RPG se trata de uma narrativa, mas não apenas uma história contada e sim, um território a ser vivido. É onde corpos, símbolos, afetos, identidades, culturas e subjetividades se embaralham, dando origem a mundos e formas de compreender o “eu” e “o outro”, e de se perder em ambos. Por meio do jogo, habitamos a diferença, inventamos e quebramos regras, experimentamos limites, relações e sensíveis situações que surgem na experiência. É na diferença, como nos diz Bateson (2025), que passa a existir o novo, que se modifica o antigo, que mudanças ocorrem. Não vivemos sozinhos, mas, como diria Maturana (2009), em constante interação, que na relação com o meio, com o estranho, se recria e se transforma. A inquietação que surge é como as vivências lúdicas por meio dos jogos de interpretação, por meio da imaginação, do brincar, é capaz de criar novos mundos, fabricando diferenças, capazes de trazer questionamentos: curamos ou ferimos? incluímos ou excluímos? escutamos ou silenciemos?

Palavras chave: Jogos de interpretação de papéis, diferença, ludicidade



BATESON, Gregory. **Rumo a ecologia da Mente**. São Paulo: Ubu Editora, 2025.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFSM, 2002.

8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

O riso e a brincadeira nas disciplinas de Jogo Teatral

GT: 4 Culturas e outras expressões

Profa. Dra. Lúcia de Fátima Royes Nunes

Universidade Federal de Santa Maria

e-mail: lucia.nunes@ufsm.br

As disciplinas de Jogo Teatral nos possibilitam pensar em outras formas de atuação. São jogos e brincadeiras que aos poucos são experienciadas a partir de uma revisitação as “memórias de infância”. Ao revisitarmos um período de suma importância, pois a infância é a base do jogo, reinventamos as brincadeiras para, minimamente, na vida adulta olharmos a nossa criança. Com isso os jogos e as brincadeiras ao serem praticadas em sala de aula, nos torna pessoas risonhas. Algum dispositivo é acionado e o riso acontece de forma natural e leve, ele, o riso faz parte de nós, dos nossos encontros, de uma metodologia que acolhe o imprevisto, a improvisação. Um procedimento que nunca afirma saber, que tem como premissa o aqui e agora, como bem ensinaram as grandes mestras dos Jogos Dramáticos e/ou Teatrais, Olga Reverbel, Viola Spolin e Ana Wuo. Para mim, enquanto pessoa-docente-artista, esses experimentos servem para fortalecer a vontade de ter o riso presente num espaço sério e formal. A utilização de jogos dramáticos e/ou teatrais bem como o uso de jogos clownescos em sala de aula serve como mola propulsora para pensarmos o ensino na educação infantil, nos anos iniciais e também na Educação de Jovens e Adultos. É também como na afirmativa de Spolin (1979, p. 04): “O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si através do próprio ato de jogar”.

Palavras – chave: Riso; Jogo; Brincadeira.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

O TOQUE DA TELA E O AFETO DO VÍNCULO: VELHICE, REDES SOCIAIS, ACOLHIMENTO E PERTENCIMENTO

GT4: Culturas e Outras Expressões

*Giovane Gomes
Instituto Eleva de Ensino, Programa Eterno Aprendiz
Gomes_giovane@hotmail.com*

*Tatiana Valéria Trevisan
UFSM, do Programa de Pós-Graduação em Educação
tativtrevisan@gmail.com*

*Valdo Hermes de Lima Barcelos
UFSM, do Programa de Pós-Graduação em Educação. Orientador
vbarcelos@terra.com.br*

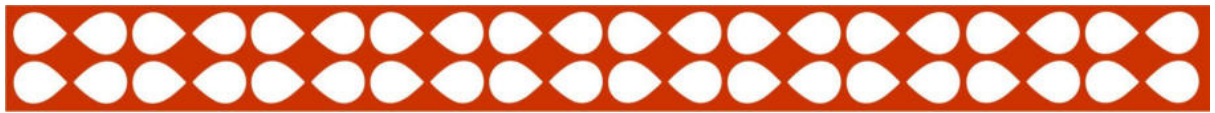
O que acontece quando uma pessoa idosa toca a tela do celular para enviar uma mensagem, fazer uma chamada de vídeo ou assistir a uma aula online?

Estaria esse gesto atualizando formas de convivência, expressão e pertencimento no mundo digital?

A linguagem é um espaço de convivência. Partindo desta afirmativa de Humberto Maturana (2001), este texto convida à reflexão sobre o uso das tecnologias na velhice não como simples mediação funcional, mas como prática relacional e afetiva.

A digitalização das interações humanas tem semeado perguntas importantes: seriam os dispositivos digitais os novos territórios de construção identitária? Que imagens de envelhecimento se formam ou se transformam quando os mais velhos ocupam espaços virtuais com autonomia e afeto? A ideia de "inclusão digital" pode ser expandida para a de pertencimento digital — onde o(a) idoso(a) não apenas aprende a usar as redes sociais, mas a ressignifica a partir de suas histórias, desejos e vínculos.

Nesse sentido, a tela é mais do que um instrumento. É uma janela para o mundo e, ao mesmo tempo, um espelho onde se refletem relações intergeracionais, memórias, afetos, acolhimento e futuros possíveis. Este encontro propõe discutir não só o acesso, mas a vivência da tecnologia pela população idosa, a partir de exemplos cotidianos, experiências educativas e abordagens interdisciplinares.



Bibliografia:

MATURANA, Humberto. *A ontologia do observar*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2001.

Palavras-Chave: Tecnologia; velhice; pertencimento.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

PRODUÇÃO ARTÍSTICA ENTRE ESPÉCIES

GT: Imaginários e Culturas

*Giovana Narvaes Guedes
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em Artes
Visuais
Giovanaguedes998@gmail.com*

Artes visuais; colaboração; animais.

A produção de trabalhos artísticos que envolvem animais vivos é uma prática que acontece a partir da arte contemporânea. Nesse contexto, provooco a pensarmos qual é o papel do animal que participa de uma produção artística? Estaria ele realmente restrito à função de elemento visual ou mero material de trabalho? Pensar os animais para além do lugar de metáfora ou simbologia é uma ação que convoca a revisão profunda das estruturas éticas, poéticas e políticas da prática artística. Ainda é recorrente que, mesmo em propostas recentes, os animais sejam considerados como materiais a serviço de uma narrativa humana – muitas vezes, alheia à existência daquele ser enquanto indivíduo. Reconhecê-los como mais do que suporte ou recurso exige deslocar o olhar antropocêntrico que historicamente predominou na arte ocidental.

Em minha pesquisa de dissertação de mestrado, em desenvolvimento, intitulada “Poéticas Contemporâneas: A Conexão Humano e Animal”, desenvolvo práticas poéticas que integram a presença de animais e suas visualidades, manifestados por meio da fotografia e do vídeo. Acredito na possibilidade de construirmos juntos um trabalho poético, pois a forma com que estes seres decidem participar - ou não -, assim como a maneira como se colocam diante da câmera, influencia diretamente a composição final da obra. No entanto, essa abordagem inevitavelmente levanta a questão: afinal aquele animal realmente tem interesse em participar? A colaboração real exige consentimento, mas como reconhecê-lo quando essa relação se estabelece entre espécies diferentes? Para ir além, podemos nos perguntar se afinal é ético buscar a possibilidade de participação de animais em um projeto artístico? Essas perguntas desafiam nossas concepções estabelecidas sobre autoria nas artes visuais. Tópico extremamente relevante, inclusive, diante de discussões semelhantes que surgem quando artistas trabalham com a inteligência artificial. Afinal, quem é o autor da obra nesses casos? Apenas o artista?



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

REFLEXÕES SOBRE A ARQUITETURA MEDIADORA E A FORMAÇÃO DOS SUJEITOS A PARTIR DE OBSERVAÇÕES NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO

GT: 4- Culturas e Outras Expressões

Thaís Cristina Weber Port

UFSM, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo

Thais.port@acad.ufsm.br

Fernanda Luisa Simon Mostardeiro

UFSM, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo

Fernanda.mostardeiro@acad.ufsm.br

Orientador Professora Doutora Josicler Orbem Alberton

Seria a apropriação do espaço uma expressão que revela a contribuição da arquitetura na mediação dos processos formativos? Para responder essas questões, propõe-se uma discussão com base na observação dos espaços de circulação de edificações do Centro de Educação e do Centro de Tecnologia da UFSM. Partindo do pressuposto de que a configuração arquitetônica influencia a percepção ambiental e o modo como os espaços são ocupados, este estudo tem como objetivo compreender a relação entre os usuários e os ambientes de ensino superior. Para isso, foi utilizada como estratégia metodológica a observação participante por meio de visitas exploratórias sistematizadas. No complexo de edificações do Centro de Educação pode-se perceber uma diferença na apropriação em relação aos prédios 16 e 16B. Enquanto nas circulações do prédio principal a personalização do espaço se dá, principalmente, por pinturas nas paredes e janelas e exposição de trabalhos acadêmicos, no anexo nota-se maior manifestação e permanência das pessoas, com a inserção de mobiliário como redes e sofás, espaços para livre expressão, exposição e decoração do ambiente com trabalhos desenvolvidos pelos usuários. Se as pessoas que frequentam os espaços são as mesmas, até que ponto a legibilidade da arquitetura pode ser um fator que favorece uma maior apropriação de um edifício em relação a outro? Em contraste, nas circulações do CT, percebe-se poucas manifestações visuais espontâneas ou de adaptação do ambiente ao uso próprio, dessa forma, a organização do Centro parece acontecer de uma forma mais institucionalizada. Será que essa menor personalização tem relação com o perfil dos

Os autores agradecem ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio recebido na forma de bolsa de formação mestrado para a pesquisa científica, tecnológica e de inovação.



usuários do CT ou com a própria cultura administrativa? Os resultados apontam para diferentes formas de apropriação dos espaços, revelando como os tipos arquitetônicos tem contribuição nas vivências e interações que ocorrem no contexto acadêmico pelos distintos perfis de usuários.

Palavras-chave: arquitetura; observação; formação.



Uma alternativa literária em potencial: transgredindo regras e criando possibilidades por meio de oficinas de Escrita Criativa na Educação Popular

Vitória Carolini Ferraz Oliveira
Universidade Federal de Santa Maria, Licenciatura em Letras Português
Vitoriacarolini.fo@gmail.com

Eduardo Brum de Lima
Universidade Federal de Santa Maria, Licenciatura em Letras Português
eduardo-lima.el@acad.ufsm.br

Orientador Guilherme Carlos Corrêa

E se a escrita fosse, antes de tudo, uma experiência de transgressão, em que as regras que nos limitam se tornam o combustível da invenção? A proposta da oficina de escrita criativa no Programa Pré-Universitário Popular Alternativa propõe exatamente isso: uma jornada literária sem mapas, em que as convenções são rasgadas, dobradas e reinventadas. Inspirados pelo OuLiPo, o convite é para explorar a escrita como um jogo de possibilidades infinitas, em que as restrições se tornam liberdades, propondo um jogo de riscos e limitações. Os educandos serão desafiados a escrever não apenas com a mente, mas com o corpo da linguagem. E se a estrutura fosse uma pirâmide que se desintegra, uma espiral que nunca termina? E se o erro fosse a forma mais verdadeira de encontrar o que se quer dizer? Vamos escrever sem vogais, em palíndromos, ou com frases que se formam a partir da matemática das palavras. A imaginação não é o limite – é a própria regra do jogo. Queremos jogar com o texto, arriscar e criar sem medo de errar, pois, ao errar, encontram-se novas formas de criar. Logo, a escrita aqui não é sobre seguir normas. Ao contrário, é sobre abraçar as limitações, para que nelas se encontre um campo vasto de possibilidades. As palavras são quebradas e montadas como blocos de LEGO, são dobradas, transgredidas. Assim, a proposta se estende além de uma simples oficina de escrita: é um convite à transgressão, à quebra de paradigmas e à criação de alternativas literárias e criativas. Por meio dessa prática, queremos fortalecer a confiança em suas habilidades, incentivando-os a explorar novos territórios da literatura com audácia e originalidade.

Palavras-chave: Escrita Criativa, Educação Popular, Literatura Potencial